

BRANCHER, Ana Lize; AREND, Silvia Maria Fávero (orgs.). **História de Santa Catarina no Século XIX**. Florianópolis: EdUFSC, 2001. 347 p.

“História de Santa Catarina no Século XIX”: velhas e novas perspectivas sobre um mesmo tempo e espaço

O século XIX em Santa Catarina foi, como em boa parte do mundo, uma época de mudanças econômicas, sociais, políticas e ideológicas profundas e complexas. Sendo assim, as possibilidades da historiografia regional, no que diz respeito a esse período, transcendem, em muito, as simples cronologias administrativas, os mitos fundadores de uma ou outra cidade, ou ainda o elogio pouco contido a tal ou qual corrente imigratória. Nesse sentido, a obra coletiva *História de Santa Catarina no Século XIX*, organizada por Silvia Fávero Arend e Ana Lize Brancher, representa um esforço em ir além dessas abordagens, tão comuns no conjunto da historiografia catarinense.

Durante muito tempo a historiografia de (e sobre) Santa Catarina foi dominada por uma concepção teórico-metodológica “tradicional”¹, fundamentada num certo paradigma historiográfico, típico do final do século XIX, que privilegiava os grandes acontecimentos, as cronologias, e ambicionava um parecer “verdadeiro” ou “científico” sobre o passado humano. Essa historiografia, representada por autores como Walter Piazza ou Oswaldo Rodrigues Cabral, destacou a narrativa oficial, sobretudo a história política e militar, com ênfase nos eventos, nas datas célebres e nos personagens notáveis.

Brancher e Fávero, por sua vez, pertencem a uma geração de autores que renovou esse universo temático e metodológico na historiografia catarinense. Ao contrário das grandes sínteses históricas que ambicionavam uma descrição exata e completa da história do Estado, o livro coordenado por elas não se imbuí de nenhuma pretensão dogmática ou totalizante. Seu interesse não é apresentar uma narrativa única e pretensamente mais verdadeira sobre a história, mas a problematização de um ou outro tema em específico. Assim, baseando-se em diferentes orientações teóricas (marxismo thompsoniano, nova história cultural francesa etc.),

¹ WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Catarinense de História*, n. 2, 1994, p. 8.



os autores reunidos em *História de Santa Catarina no Século XIX* compartilham de uma visão não-positivista e não-elitizante da história e do procedimento historiográfico.

A coletânea apresenta onze artigos assinados por autores distintos. Paulo Pinheiro Machado abre o livro com um estudo sobre a colonização do planalto catarinense. Na seqüência, Silvia Fávero Arend escreve sobre as conflituosas relações interétnicas de alemães e indígenas durante a segunda metade do século. No terceiro capítulo, Janine Gomes Silva relembra um grupo importante, mas freqüentemente silenciado nas histórias sobre os processos de industrialização em Santa Catarina: as mulheres, no caso, as joinvilenses.

Vanderlei Machado analisa, no quarto artigo, como se construiu ao longo da segunda metade do século XIX um modelo identitário masculino-burguês em Nossa Senhora de Desterro. Em seguida, os socialistas “utópicos” franceses, que um dia desejaram reformar o mundo a partir da Colônia do Saí, em São Francisco do Sul, são lembrados por Antônio Carlos Güttler. Na seqüência, Antônio Elíbio Júnior relaciona a questão de gênero e o discurso historiográfico ao passar em revista a apropriação da imagem de Anita Garibaldi pelos historiadores positivistas do século XIX e XX.

Reinaldo Lindolfo Lohn, no sétimo artigo, reconstrói o olhar catarinense acerca da maior contenda na qual o Brasil se envolveu no século XIX: a guerra contra o Paraguai. Já Henrique Luiz Pereira Oliveira pensa a respeito de como se deu a desativação progressiva da assistência às crianças abandonadas na velha Desterro, bem como sobre o surgimento de novas formas de lidar com a questão dos enjeitados com o advento de novas práticas e saberes médico-higienistas.

Por sua vez, Itamar Siebert reflete sobre as afinidades entre discurso jornalístico e a construção de uma sociabilidade familiar burguesa na capital do estado. Em seguida, Ana Brancher avalia as formas e a atuação social da “classe letrada” em Desterro. Finalmente, no décimo primeiro artigo, Rosângela Cherem reconstrói as tensões políticas e as expectativas sociais que marcaram os primeiros anos da República em Desterro/Florianópolis.

Como se vê, longe do discurso das narrativas historiográficas tradicionais, que tendia a apresentar a história sob um único ponto de vista e privilegiar um único grupo, o livro de Brancher e Arend é plural em suas vozes e em seus interesses.

Nele, saem os antigos protagonistas, geralmente representantes das elites políticas e econômicas da região, e entram em cena o indígena, a mulher, a criança; em suma, os proscritos das histórias oficiais. Deixa-se de lado a obsessão com as datas importantes, os nomes famosos, as obras e eventos imponentes, e elegem-se outros temas: as utopias



abortadas, as imagens projetadas, as identidades construídas. Assuntos que, até bem pouco tempo atrás, ou eram desprezados, ou eram desconhecidos pelo historiador dito sério.

Além do que já foi posto, *História de Santa Catarina no Século XIX* também marca a sua diferença frente ao modelo tradicional pelo modo como seus autores concebem seus textos. Se o historiador tradicional se via como um porta-voz do passado, como um narrador neutro, comprometido única e exclusivamente com a descrição exata dos fatos, daquilo que “realmente aconteceu”, o historiador “novo” é, entre outras coisas, o criador da história que conta. Isso porque ele não reconstitui essa história, mas a reconstrói no seu tempo; portanto, participa criativamente da sua elaboração, não sendo distanciado ou separável dela.

Igualmente, como escritor, o historiador novo compreende que seu texto não precisa ser apenas cientificamente adequado, conformado a certas regras próprias do seu ofício, mas precisa também ser esteticamente apreciável. Exemplares dessas novas posturas ante o ato de escrever são os trabalhos de Paulo Pinheiro Machado, com “Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano”, e de Janine Gomes da Silva, em “Saudades, expectativas, realizações e ausências: histórias de mulheres em Joinville (1851-1900)”. Neste último estudo, por exemplo, a autora utiliza magistralmente as fontes orais, dando a ele uma beleza e uma carga emocional raramente encontradas num texto de história.

Desse modo, pela fluidez de sua leitura, bem como pelo interesse e importância de seus temas e métodos, *História de Santa Catarina no Século XIX* é um livro recomendável não só ao público dito especializado, mas a qualquer um que se interesse por história – e não somente história de Santa Catarina. Longe da erudição árida de certos títulos célebres da nossa historiografia, a obra de Brancher e Arend é também um ótimo trabalho de divulgação acadêmica. Amplamente acessível e atraente.

Luiz Alberto de Souza

Universidade Federal de Santa Catarina

luiz_alberto82@yahoo.com.br

